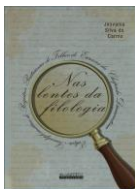


**SOBRE A NECESSIDADE DE APURAR AS VISTAS
NAS LENTES DA FILOLOGIA
PARA UMA EDIÇÃO MODELO**

Ricardo Tupiniquim Ramos (UFBA/UNEB)
tupinikim@ig.com.br



CARMO, Jeovânia Silva do. *Nas lentes da filologia: edição semidiplomática de registros batismais de filhos de escravos da Chapada Diamantina – BA. Salvador: Quarteto, 2015.*

Publicado no final de 2015 pela Quarteto, a obra em apreço resulta da pesquisa realizada por sua autora ao longo de seu Mestrado em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia.

O estudo traz a edição mecânica e semidiplomática de 269 registros de batismo de filhos de escravos constantes em livro de 281 mm X 430 mm, destinado a esse mister, arquivado na Casa Paroquial São Sebastião, na Igreja Matriz da cidade de Seabra, na Chapada Diamantina, centro do Estado da Bahia.

Diferentemente de outros estudiosos – que usualmente dividem seus trabalhos em uma introdução, na fixação do texto e de seu aparato crítico – Carmo divide seu livro nos seguintes capítulos:

Introdução – na qual apresenta o conteúdo do livro, as motivações que a levaram a realizá-lo e como o organizou;

Filologia e Edição – discorre sobre os fundamentos da filologia, suas vertentes de estudo, o produto resultante do labor filológico, ou seja, a edição, os tipos de edição, as atividades subjacentes à prática da edição – a preservação dos documentos, na qual se incluem a preservação da memória, da cultura e dos fatos da língua;

Chapada Diamantina de Campestre e Seabra – [...] faz as devidas apresentações da Chapada Diamantina, localizada no coração geográfico do estado da Bahia, isto é, no centro, nela situando a cidade de Seabra e a vila da qual se origina – Campestre, sendo hoje povoado – traçando o perfil histórico da região;

Os registros de batismos: descrição e histórico, subdividido em:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Aspectos extrínsecos e intrínsecos dos documentos – [...] descreve o Livro de Registro de Batismo dos filhos de escravos, apresentando suas características físicas, tanto externas quanto internas, com as devidas ilustrações, as quais dão ao leitor a devida noção de como e onde se encontra o documento;

Crítérios para a edição – na qual apresenta os critérios norteadores, os quais traduzem o tipo de edição escolhido, a semidiplomática, que é conservadora, em que se deve ser, na transcrição, o mais fiel possível ao texto;

Edição semidiplomática e fac-símile – capítulo primordial do livro, já que traz a edição do documento [...]. (QUEIROZ, 2015, p.7-8)

Não restam dúvidas de que a obra resenhada traz importantes contribuições para o estudo do período escravista e das relações entre negras escravizadas, seus filhos *semi* (ou *pseudo*) libertos pela Lei do Ventre Livre²⁷, seus senhores e outros indivíduos daquela sociedade; da nomenclatura de pessoas e lugares da Chapada Diamantina naquele período histórico; das mínimas diferenças de estilo redacional dos textos pertencentes a um mesmo gênero (registro batismal), conforme o escriba; das variações de *scripta* de uma mesma palavra, registradas, às vezes até no mesmo fólio, dada a ausência de uma norma ortográfica unificadora; entre outros temas.

Tudo isso faz de Carmo (2015) um trabalho de interesse para a academia. Contudo, observamos alguns problemas, apontados a seguir, com o intuito de contribuirmos para o aprimoramento do trabalho da autora.

Talvez a pressa em publicar o livro tenha feito passar, tanto pelo crivo da autora quanto, principalmente, pelo da editora Quarteto, o conjunto de deslizos no uso da norma-padrão da língua, cuja obediência é imprescindível em trabalhos acadêmicos e livros técnicos:

[...] as informações presentes alcançam um considerável período relativo ao século XIX, que podem ser *útil* na elucidação de aspectos dos estudos escravistas (CARMO, 2015, p.13 – grifos nossos – em vez de **úteis**, exigido pela regra de concordância);

Quando um escravo era *comprado* havia uma matrícula que servia como comprovante da *compra*, já os filhos das escravas não possuíam essa matrícula, porque não havia ocorrido uma negociação formal de compra. (CARMO, 2015, p.13 – grifos nossos – no trecho, é necessária uma vírgula separando a

²⁷ Diferentemente do que afirma a autora à página 31, a Lei do Ventre Livre ou Lei Rio Branco (Lei nº 2024, de 28/09/1871) não é uma estadual, até porque, a rigor, só há Estados no Brasil após a Proclamação da Independência, em 1889. Trata-se, outrossim, de lei de âmbito nacional, aprovada pelo Parlamento.

oração encaixada da primeira dita principal e pelo menos um ponto-e-vírgula entre essa e sua homorgânica);

[...] tinham por objetivo *marcar* para sempre *o parentesco espiritual* que se contrai no sacramento do batismo *e da idade* dos batizando. (CARMO, 2015, p.21 – grifos nossos – “marcar”, no contexto, tem dois argumentos objetivos: “parentesco” e “idade”, a ele ligados de forma distinta, um sem preposição – norma – outro com, desvio);

Os dados que *vêema* tona no ato batismal dos filhos dos escravos, permitem muitas vezes desvendar também, caminhos das relações sociais *das escravizados* [...] (CARMO, 2015, p.21 – grifos nossos, que apontam para três problemas: junção de verbo e preposição numa única forma; cacografia da forma verbal vêm e ausência de concordância nominal no SP).

Na descrição dos documentos, percebemos uma falha de indicação. Diz a autora: “Os fólhos estão presos por um cordão grosso (fig. 11)”. Contudo, observa-se que a imagem do referido cordão é a figura 7, constando, na 11, um detalhe do fólho 200r (datado de 1928), que não faz parte do *corpus* da obra.

De toda forma, todas essas são arestas aparáveis por uma revisão textual mais acurada, por parte da autora ou de seu editor, numa próxima edição do livro.

Contudo, a nosso ver, há alguns problemas realmente sérios no trabalho da autora enquanto filóloga, referentes à falta de aplicação de critérios estabelecidos por ela mesma, como, por exemplo, os relativos ao conceito do modelo de edição adotado, visto que, por duas vezes, ela deixa de transcrever linhas tão legíveis que, mesmo pela fotografia do fólho, é possível ler:

| página | fólho | linhas | transcrição ausente em Carmo (2015) |
|---------------|--------------|---------------|---|
| 124 | 23r | 48 | Setembro de 1884, filha legítima de Antonio e Joanna, escravos de |
| 134 | 25v | 91-92 | lavrei o presente termo que assigno vigário Victor Soledade |

Embora sejam apenas três linhas que deixaram de ser transcritas em toda a obra – ou seja, em 23 fólhos escritos no recto e no verso –, isso não é admissível numa edição semidiplomática – modelo adotado no trabalho em foco –, definida pela própria autora como “[...] aquela em que o editor faz uma transcrição conservadora de todos os elementos presentes no texto original” (CARMO, 2015, p.16).

Quanto à não aplicação dos critérios editoriais adotados, há ainda outro caso: critério “separar as palavras unidas e unir as separadas”

(CARMO, 2015, p.34):

| página | fólio | linhas | erro editorial | correção a partir do critério adotado |
|---------------|--------------|---------------|-----------------------|--|
| 135 | 25v | 89 | OrosioProença | Orosio Proença |

Em alguns pontos, talvez por dificuldade de compreensão da caligrafia do escriba, pela pouca familiaridade com o vocabulário onomástico da época ou por distração, a autora deixou de ler um antropônimo, facilmente legível a partir da fotografia do fólio.

| página | fólio | linhas | transcrição | correção |
|---------------|--------------|---------------|-----------------------|---------------------------|
| 135 | 25v | 51 | [...] Miguel de Souza | Porphyrio Miguel de Souza |

Também confundiu gêneros em contextos em que, mesmo que o escriba tivesse errado, esses enganos poderiam ser corrigidos por conjectura do editor, possibilidade permitida para uma edição paleográfica, vale dizer, diplomático-interpretativa:

| página | fólio | linhas | erro editorial | correção |
|---------------|--------------|---------------|---|--|
| 81 | 12r | 22-23 | escrava e Marcellina de Sa Telles | escrava de Marcellina de Sa Telles |
| 107 | 18v | 63 | filho natural | filho legítimo |
| 121 | 22r | 30 | Hermegenes | Hermogenes |
| 127 | 23v | 72-73 | casa de Oração de Santa Luzia do Casuda | casa de Oração de Santa Luzia do Cascudo |
| 135 | 25v | 71 | Ingacina | Ingaúna |
| 107 | 18v | 75 | doa Anjos | dos Anjos |
| 107 | 18v | 83 | Vitolina | Vitolino |
| 129 | 24r | 11 | filha | filho |
| 135 | 25v | 4 | filha legitima | filho legitimo |
| 135 | 25v | 59 | pardo | parda |
| 135 | 25v | 69 | filho | filha |
| 135 | 25v | 70 | Francisca | Francisco |

Noutros momentos, há erros de digitação, alguns naturais, como, por exemplo:

| página | fólio | linhas | erro editorial | correção |
|---------------|--------------|---------------|---------------------------------|-------------------------------|
| 129 | 27r | 33 | e pus o sanots em óleos em José | e pus os santos óleos em José |

Outros decorrentes da inobservância do trabalho do corretor do *Windows*. Assim, por exemplo, a não ser que seja desconfigurada a opção de correção automática no programa, SEMPRE que se escrever AN ou CON seguido de espaço, o corretor ortográfico converte para NA e COM, respectivamente. Isso requer do editor atenção redobrada para se evitarem erros como:

| página | fólio | linhas | erro editorial | correção |
|--------|-------|--------|----------------------|----------------------|
| 55 | 5v | 75-76 | Manoel de Na gola | Manoel de An gola |
| 75 | 10v | 51-2 | NaTonio | Antonio |
| 77 | 11r | 41-2 | NaTonio | Antonio |
| 107 | 18v | 84 | com | con |

Da mesma forma, se no final de linha aparece a sílaba “pa”, o corretor ortográfico interpreta como a sigla “PA”, do que resultaram os seguintes erros editoriais:

| página | fólio | linhas | erro editorial | correção |
|--------|-------|--------|----------------|----------|
| 103 | 17v | 71, 82 | PA- | pa- |
| 139 | 26v | 51 | PA- | pa- |

Por fim, há erros de troca de maiúscula por minúscula ou vice-versa:

| p. | f. | l. | erro | Correção |
|-----|-----|----|--------|----------|
| 79 | 11v | 61 | Tação | tação |
| 137 | 26r | 28 | santos | Santos |
| 137 | 26r | 34 | silva | Silva |

O primeiro deles decorre de inobservância de algo ligado ao editor de textos do *Windows*. SEMPRE que trocamos de linha, ele inicia por maiúscula. Só que, no trabalho filológico, nem sempre a mudança de linha indica início de nova frase ou parágrafo, de forma que o responsável pela edição precisa estar atento a situações como essa enquanto transcreve o manuscrito. Os dois últimos casos são idênticos: mesmo que no documento conste a escrita dos antropônimos com minúscula, é possível corrigir esse erro do escriba por conjectura, já que o modelo adotado de edição o permite.

A despeito desses flagrantes erros, a obra em apreço se reveste de importância para os estudos linguístico-históricos e históricos, na medida em que, trazendo a lume documentos guardados em acervo privado (arquivos eclesiais) do período escravista do século XIX, podem revelar não apenas elementos da língua escrita, formal, própria da burocracia do Estado da época, como também revelar inúmeros aspectos da vida social (e linguística) de então, como a onomástica em uso na Chapada Diamantina; as relações de compadrio entre escravos e escravos ou entre escravos e homens livres; as associações entre cidadãos livres, detentores de um mesmo escravo; as diversas classes de escravo, definidas a partir de seu fenótipo, sobretudo do matiz de cor de sua pele, etc.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Levando isso em conta, recomendamos a leitura do trabalho aqui resenhado, fonte de dados e, portanto, ponto de partida para inúmeras outras pesquisas.

REFERÊNCIA

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. “Prefácio”. In: CARMO, Jeovânia Silva do. *Nas lentes da filologia*: edição semidiplomática de registros batismais de filhos de escravos da Chapada Diamantina – BA. Salvador: Quarteto, 2015, p.13-14.